

**RESENHA\***

**CARVALHO, Margarida Maria de. *Paideia e Retórica no Século IV d.C. A construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010. ISBN: 978-85-391-0078-1.**

Durante muito tempo, o período conhecido com Antiguidade Tardia ou Baixo Império, ficou associado à decadência do Mundo Romano Ocidental, ascensão do Cristianismo e as invasões dos povos germânicos, conhecidos pejorativamente como “bárbaros”. Roma entre os séculos III e V, estava ligada ao declínio. Na realidade, a Antiguidade Tardia não é um período decadente, e sim de transformação. Todo o Império sofre um processo único que irá sobreviver a “Queda de Roma”, pelos Hérulos de Odoacro, em 476. A cultura, organização política, as leis (Direito Romano), o idioma (latim), as artes, os ditados populares (*de gustibus non est disputandum* \ gosto não se discute) (FUNARI: 2003, 96), a religião, entre outros, estarão presentes tanto nas monarquias medievais, quanto na coroação de Carlos Magno no Natal do ano 800 e chegará até os nossos dias.

A historiadora Margarida Maria de Carvalho, já vem há vários anos se dedicando a uma leitura crítica e detalhada das documentações, que retratam, o conturbado século IV d.C. Ao mesmo tempo, como professora da Graduação e Pós Graduação da Unesp \ Franca, se dedica na formação

---

\* Resenha feita por Cláudio Umpierre Carlan, Pós Doutorando em Arqueologia NEPAM / Unicamp; Doutor em História Cultural (Antiga) pela Unicamp, professor adjunto de História Antiga da Universidade Federal de Alfenas (Unifal \ MG), pesquisador associado ao Grupos Arqueologia Histórica da Unicamp. E-mail: claudiocarlan@yahoo.com.br

de alunos e orientandos que trabalham com esse período. Conseguindo organizar um coeso grupo de pesquisa sobre Antiguidade Tardia.

Por meio de uma identificação inicial, seguida de uma profunda análise crítica, Carvalho nos apresenta os agentes responsáveis pela construção da imagem, estereotipada, do Imperador Juliano (331 – 363), último Imperador Pagão ou Não Cristão, através das cartas de Gregório Nazianzeno (329 - 390), bispo de Nazianzo e Constantinopla, considerado pela Igreja como um dos “Padres Capadócio”.

Na introdução, a autora descreve questão historiográfica que envolve os discursos *Contra Juliano*, de autoria de Gregório, provavelmente entre os anos de 364 – 365. Segundo Carvalho, o Bispo de Nazianzo tinha consciência que estava fazendo uma acusação política, não apenas religiosa, talvez, estrategicamente, esperou à morte do governante para publicá-lo. Para isso, utilizou como base as diretrizes do manual de retórica, escrito por Hermógenes, *Sobre os Resultados* (p. 23). Outro ponto interessante, como os temas Paideia e Retórica foram tratados pela historiografia do século XX.

O primeiro capítulo, *História e Imagem do Imperador Juliano*, Carvalho analisa as biografias, e biógrafos, que retrataram Juliano, uma das figuras mais polêmicas do século IV. Cada período histórico apresentou o imperador, cuja alcunha era apóstata, de acordo com seus interesses políticos ou religiosos. Após sua morte, por exemplo, em 363, seu nome sempre retorna ao cenário público. Para demonstrar aos cristãos o perigo eminente que passaram. Não apenas durante o século V, mas nos séculos VI e VII, Juliano é representado como uma figura maléfica, associada a cultos demoníacos. Essa imagem é modificada no século XVIII com os *iluministas*. Voltaire, em suas frases polêmicas contra o Clero, idealizava Juliano como um herói solitário enfrentando o terrível cristianismo. A autora analisa

*Resenha: Paideia e Retorica no ano IV d.c.*

criticamente, os vários textos biográficos dos iluministas sobre o Imperador, tanto os anticlericais, como Voltaire, quanto o ponto de vista do Abade de La Bletterie (p. 45).

Um dos grandes problemas encontrados nas biografias ou romances (Gore Vidal, por exemplo) sobre a figura pública de Juliano, é a passionalidade de cada autor. Mesmo nas bem documentadas obras do século XX. Não podemos esquecer de Ferdinand Lot, na década de 1930, que descreve a política religiosa de Juliano, como um “canto dos cisnes” do paganismo.

No segundo capítulo, *Dados sobre Gregório Nazianzeno e seus Discursos contra Juliano*, Carvalho centra sua atenção no Padre da Capadócia. Descreve a região na qual Gregório nasceu, sua importância histórica e geográfica, desde as conquistas de Alexandre da Macedônia (356 – 323 a.C). As influências persas, helenísticas e romanas, ficaram presentes na infância de Gregório. Seu pai teria sido evangelizado durante a peregrinação de vários bispos, no século IV, pela província. O nazianzeno iniciou seus estudos em Cesareia, onde conheceu seu amigo de toda uma vida, Basílio de Cesareia (329 - 379), outro dos chamados “Padres Capadócius” e, como seu colega de Nazianzo, Doutor da Igreja, desde 1568.

Aproveitando o novo contexto político-religioso no Império Romano, após a morte de Juliano, curto governo de Joviano, ascensão de Valentiniano I e seu irmão Valente, as Igrejas Ortodoxas e Heterodoxas se fortalecem, ganhando cada vez mais um respaldo da administração central. Não podemos esquecer que, nos séculos IV e V, desde o governo de Constantino I, o grande, política e religião estão associadas, são co-irmãs. Nesse caso, o cristianismo, passa de uma religião perseguida, para uma religião perseguidora.

O que fica claro no pensamento filosófico de Gregório é a importância de uma filosofia cristã, na arte de governar. Segundo Carvalho, o nazianzeno não era contra a filosofia grega a serviço da doutrina cristã. E sim, contra a crença nos deuses pagãos, o que isso politicamente poderia representar (p. 82). Nesse contexto, o imperador deveria seguir a fé em Cristo e sua doutrina, a única e verdadeira. Como Juliano ousou fugir desse esquema político-religioso, deve ser atacado e seu nome servir de exemplo, negativo, para posteridade.

Na *Construção da Imagem do Imperador Juliano*, capítulo III, a autora interpreta a retórica do discurso *Contra Juliano*. Para isso, buscou a mesma fonte de inspiração de Gregório de Nazianzo: o manual de retórica, *Sobre Resultados*, escrito por Hermógenes, no século II d.C. Não apenas autores cristãos, mas pagãos, como Libânio, professor de retórica e filósofo do século IV, nele se baseou para redigir seus panegíricos laudatórios (p. 108). Aliás, Carvalho é a primeira historiadora brasileira a trabalhar com essa obra.

A autora estabelece uma identificação prévia da documentação disponível e na catalogação, instituindo um *corpus* documental, ao qual foi aplicado conteúdos relacionados com a política e propaganda; o *corpus* com: a natureza do emissor; a quem se destinam tais representações; e o seu significado.

Carvalho encerra sua análise (p.154), defendendo a teoria que a problemática cristã-pagã, está inclusa em uma questão muito mais ampla. Segundo a própria autora, a natureza político ideológica do Império está em jogo. Durante muito tempo, os especialistas focaram suas pesquisas na questão religiosa, deixando para um segundo plano o quadro político.

*Resenha: Paideia e Retorica no ano IV d.c.*

Mesmo tendo as cartas de Gregório e de Juliano como ponto principal, esse trabalho não fica preso a uma simples análise textual, ou a uma análise de conteúdo, relacionando o emissor com o receptor da mensagem, por meio dos panegíricos, documentos oficiais que louvavam ou repudiavam a figura de um imperador. Documentos fundamentais para compreender a política imperial do século IV.

Um dos grandes méritos do livro consiste em apresentar um estudo detalhado e aprofundado dos bastidores políticos do século IV, explicando uma lenta composição ideológica e social de uma Roma em fases de cristianização. Assim sendo, a autora não subordina sua análise aos velhos padrões positivistas, mas, ao contrário, apresenta um quadro variado e original.

Margarida Maria de Carvalho não fica presa à crítica, sim analisa de forma imparcial os pontos positivos e negativos tanto das cartas de Gregório de Nazianzo, quanto dos textos de Juliano, Amiano Marcelino, Hermógenes, entre outros.

Além de se tratar de um livro original, de alta qualidade acadêmica, também configura uma decidida visão interdisciplinar. Portanto, trata-se de uma leitura obrigatória para todos que buscam interpretações bem ancoradas nas documentações originais, escritas, arqueológicas ou iconográficas, nos recentes debates sobre Antiguidade Tardia.

Peter Brown (Universidade de Princeton), durante sua palestra de abertura no I Colóquio Internacional “Antiguidade tardia: Novas Perspectivas”, realizado em Segóvia, Espanha, no mês de Outubro de 2009, elogiou os pesquisadores brasileiros e suas contribuições para o estudo, e compreensão, da Antiguidade Tardia.

**Referências bibliográficas**

CARLAN, Cláudio Umpierre. *Numismática / Documento / Arqueologia: a cultura material e o ensino da História*. CADERNOS DE HISTÓRIA, N. 12 / 13, V.1. Uberlândia: LEAH, ESEBA, EDUFU, 2004 / 2005. pp. 147-159.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *A Renovação do Ensino da História Antiga*. In: KARNAL, Leandro (org.). *História em Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

LASSWELL, Harold D. et alii (org). *Language of Politics. Studies in quantitative semantics*. Cambridge (Mass.): Massachusetts Institute of Technology Press, 1965.

LOT, Ferdinand. *O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média*. Tradução de Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70, 1985.